

32
Beltrán S., Luis Ramiro (1954) **Diabos dançantes**. En: Revista *Américas* (EE.UU.)
vol. VI, no. 2. Fevereiro. pp. 24-27. (Revista publicada por la Secretaría General
de la Organización de Estados Americanos, OEA).

Colecc. LR Beltrán
PP-AI-002-5

Américas

Número de turismo

**PARA OS TURISTAS
DE 1954**

**VIAGEM AO REDOR
DE UM ASSUNTO**

BOM APETITE!

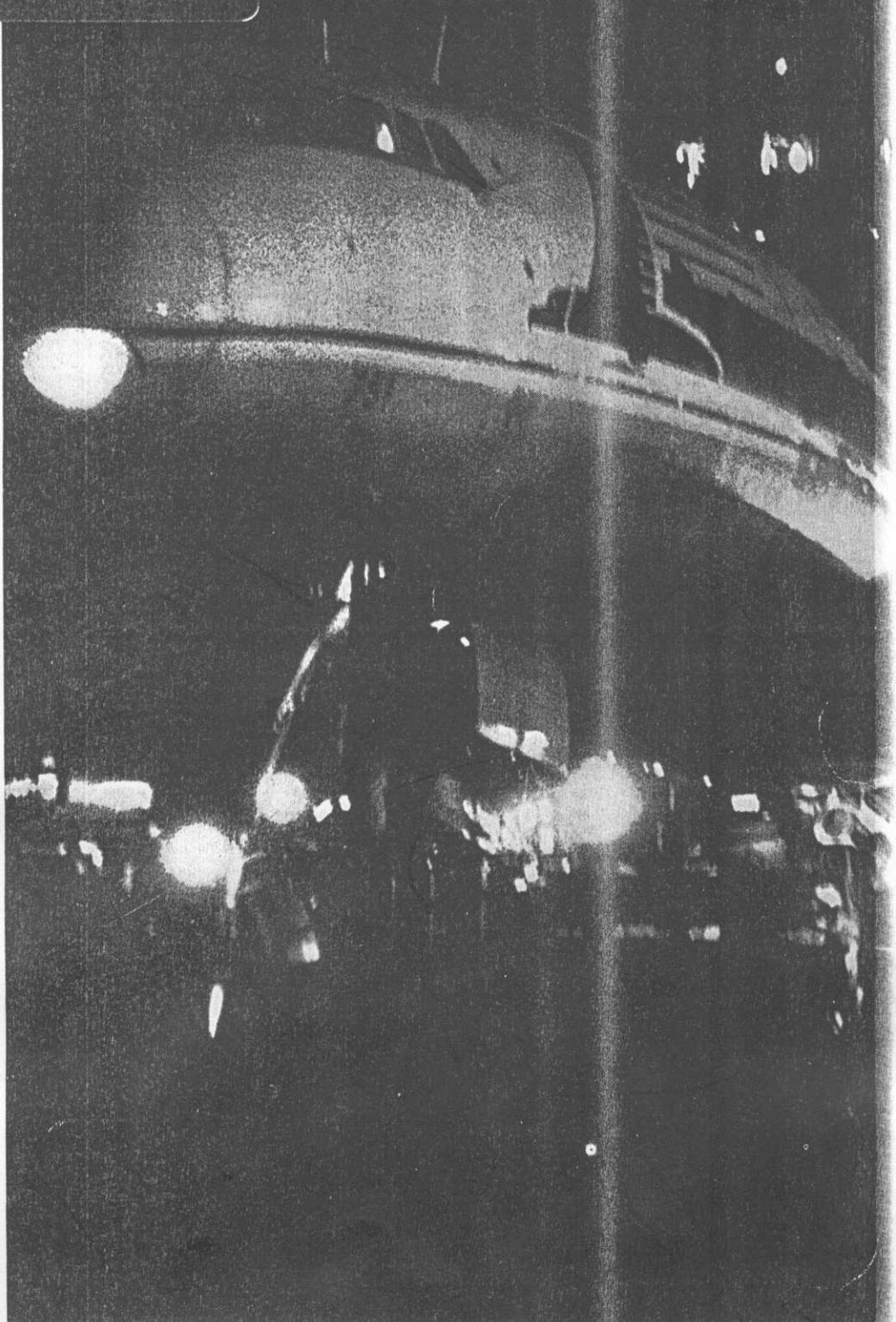
**MANUAL
DO BOM TOM**

**CARTA DE
UM ARGENTINO**

**POR VIA
MARÍTIMA**

Cr **\$6,00**

*Pronto para decolar
(veja "Por via
aérea", pág. 20)*



Américas

Volume VI, No. 2
Fevereiro de 1954

publicada em português, inglês e espanhol

- 2 NA FRENTE ECONÔMICA
- 3 PARA OS TURISTAS DE 1954 Francisco Hernández
- 6 VIAGEM AO REDOR DE UM ASSUNTO Érico Veríssimo
- 9 BOM APETITE! Scott Seegers
- 12 MANUAL DO BOM TOM E.W.H. Lumsden
- 14 CARTA DE UM ARGENTINO Roberto Mujica Lainez
- 17 POR VIA MARÍTIMA Mary G. Reynolds
- 20 POR VIA AÉREA
- 23 ENTREVISTA-RELÂMPAGO COM BERNARDO HOUSSAY
- 24 DIABOS DANÇANTES DA BOLÍVIA
- 28 NOSSAS EMBAIXADAS
- 29 PONTOS DE VISTA
- 32 LIVROS
 - A AMÉRICA LATINA E AS CRIANÇAS IANQUES Muna Lee
 - DE MÉDICO A ESCRITOR Alice Raine
- 35 MOEDAS DE NOSSOS VIZINHOS Boris Randolph
- 36 INSTANTÂNEOS DA OEA
- 40 MAPA DE TURISMO
- 42 ILUSTRAÇÕES
- 46 CARTAS À REDAÇÃO
- 47 CURIOSIDADES DA LÍNGUA INGLESA
- 48 NOSSOS COLABORADORES

Publicada pela

União Pan-Americana, Secretariado Geral da Organização dos Estados Americanos
Washington 6, D. C., E. U. A.
Alberto Lleras, Secretário Geral
William Manger, Sub-Secretário Geral

Redatora-Chefe

Kathleen Walker

Co-redatores

George C. Compton
Armando S. Pires
Adolfo Solórzano Díaz

Redatores-Assistentes

Wallace B. Alig
Benedicta S. Monsen
Mary G. Reynolds
Lillian L. de Tagle
Betty Wilson

Capa

Hubert Leekie

Prezados Leitores

Geralmente as viagens são um tipo de atividade a que se entregam os habitantes de países ricos ajudando assim os menos privilegiados a melhorar suas condições de vida. Há muitos anos que se fala nisto pelas Américas. Mas o progresso alcançado não acompanhou o número de palavras gastas no assunto. Como sói acontecer, mormente na América Latina, o povo espera que o governo dê solução ao problema. Quanto à ação particular, organizada, só se pensa nela em função de requerimentos ao governo para que construa hotéis, funde escolas de cicerones, facilite os transportes, etc. Em suma: querem que o governo proporcione, por decreto, esta nova fonte de renda que viria beneficiar alguns indivíduos. Mas já que ao governo cabe desempenhar também seus negócios cotidianos, os decretos não são seguidos de ação séria e contínua. Começa a gemer, então, o grupo de interessados. E as viagens não se incrementam. Assim, muitos países americanos estão perdendo excelente ensejo de que outros se aproveitam.

É claro que a América Latina não pode competir com a Europa em matéria de turismo. Tem, porém, atrativos que a Europa não pode oferecer e que vão desaparecendo ou já desapareceram aqui nos Estados Unidos. Além do mais, é mais fácil ao norte-americano entender a América Latina do que a Europa. Sente-se mais em casa no Hemisfério Ocidental. E os turistas, que nem sempre têm espírito de exploradores, querem sentir-se em casa mesmo quando vão ao estrangeiro. No entanto a América Latina reserva para o visitante uma série infinda de pequenas e desagradáveis surpresas, coisas que os governos não podem eliminar por decreto. A fim de erguer uma próspera indústria do turismo, é indispensável que se empreguem capitais privados para acabar com esses aspectos decepcionantes. A exploração do turista destrói o turismo. Somente as organizações de cidadãos interessados no progresso do turismo seriam capazes de realmente desenvolvê-lo. É matéria para a iniciativa privada, que o governo pode estimular e orientar, mas que precisa ser exercida pelos que mais lucrarão com ela.

Nos Estados Unidos, onde se viaja internamente em grande escala, as Câmaras de Comércio constituem os representantes naturais de todos esses interesses, e os agentes da ação coletiva. Embora na América Latina as entidades cívicas e as Câmaras de Comércio nunca tenham desempenhado tal papel, não há motivo para que não o façam agora. Por enquanto, têm se limitado a mandar requerimentos ao governo pedindo-lhe que assumira todos os riscos, empregue todo o capital e pague todas as despesas da indústria do turismo. Somente o capital privado e os esforços particulares poderão proteger este bom negócio que, por muitas razões, é justamente o mais susceptível de ser prejudicado pela ação privada.

Secretário-Geral
da OEA

A matéria usada em AMÉRICAS pode ser reproduzida, exceto quando sejam reservados os respectivos direitos; e contanto que os extratos sejam acompanhados dos seguintes dizeres: "Reproduzido de AMÉRICAS, revista mensal publicada pela União Pan-Americana em português, inglês e espanhol". Dos artigos assinados deverá constar sempre o nome do autor. Assinatura anual: Cr\$50,00. Número avulso: Cr\$6,00. (Nos E.U.A.: \$3,00) Agentes: Jeanne Fernandez Amaral, Joaquim Floriano, 126-S/22, São Paulo, SP. Em Portugal: Alberto Armando Pereira, Av. António Augusto Aguiar, 13, Lisboa. Edições em outros idiomas: União Pan-Americana, Washington, US\$3,00.

Ao lado: Figura do deus-crocodilo em ouro, chamado Guara, das proximidades de Maracaibo, Venezuela. Coleção R. W. Bliss, Galeria Nacional de Arte, Washington



DA BOLÍVIA

diabos dançantes

Luis Ramiro Beltrán

Fotografias de Alfredo Linares

No auge do carnaval boliviano, o "Arcanjo Miguel" condena os demônios derrotados a voltar ao inferno

É FEVEREIRO na povoação mineira boliviana de Oruro. Momo chegou àquêlê êrmo, e há festa na cidadezinha dos ventos. Velhos e moços saem para a avenida principal e se apinham nas calçadas para ver os mascarados. Como vem sucedendo todos os anos, há mais de um século, o centro da atração é o conjunto de dançarinos apelidados *La Diablada*, que no sábado de carnaval oferecem um espetáculo vivíssimo de tradição e coreografia.

As crianças que se enfileiram no caminho soltam gritos de horror quando o "urso" ou o "condor" abrem passo para o imponente grupo. Encabeçam o desfile dois mascarados mais luxuosamente vestidos do que os outros, representando Satanás e Lúcifer. Alternando com êles, logo na frente, vêm o "Arcanjo São Miguel" e "China Supay", a única figura feminina do conjunto. Depois, ao longo de mais de quinze quarteirões, vêm centenas de dançarinos disfarçados de ferozes "diabos", que, entre grandes saltos, piruetas e alaridos ameaçadores, desfilam lentamente numa série de movimentos de avanço e retrocesso perfeitamente sincronizados.

A parada termina na pracinha do Socavón, onde tem





Os dançarinos de Oruro revelam imponente vigor, graça e precisão ao executarem o tradicional ritual

lugar a cerimônia em que culminam dois ou três meses de cansativos ensaios. Ao compasso das “marchas dos diabos”, tocada por uma banda de música especialmente contratada, os infatigáveis mascarados executam complicadas figuras de dança em conjunto, embora de tempos em tempos algum dos componentes faça gracioso solo.

Terminada a dança, o grupo interpreta em espanhol uma pequena peça alegórica sobre o tema místico e mitológico da *Diablada*. A uma ordem colérica de São Miguel Arcanjo, apresentam-se Lúcifer, Satanás, sete “diabos” que simbolizam os pecados mortais (Soberba, Avareza, Luxúria, Ira, Gula, Inveja e Preguiça) e a “China Supay”, mulher do diabo, que representa a tentação da carne. Amedrontados pela invocação do Anjo, todos eles recriminam-se a si próprios por sua maldade e finalmente são condenados pelo Arcanjo a “voltar às profundezas do inferno e afastar-se da espécie humana.”

O escritor boliviano Rafael Ulises Pelaez descreve a cena: “O fundo da representação não é outro senão aquela passagem bíblica da revolta dos demônios nas etapas sucessivas da eterna luta entre o bem e o mal.

De base essencialmente moral, a obra apresenta o tema religioso dentro do ambiente vernáculo de nosso povo. . . . A passagem se inicia com o diálogo de dois poderosos anjos—um, que representa a Harmonia (Miguel) e o outro, o descontentamento e a amargura (Lúcifer). A entrevista e a controvérsia têm lugar à própria margem do Averno . . . Ao chamado do Arcanjo Miguel acodem as legiões celestes e ali se produz a primeira batalha, que é ganha pelos demônios. Estes invadem a terra para exterminar o cristianismo e torna a produzir-se guerra em frente aos mortais, que observam temerosos esse conflito de gigantes. Quem decide a vitória a favor dos anjos é a Virgem do Socavón (Mina), padroeira dos mineiros. Ao terminar, os demônios são derrotados e têm de sofrer a ignomínia de confessar seus pecados . . .”

Depois da representação, os dançarinos entram contritos na capela da Virgem do Socavón onde, de joelhos, tiram as sufocantes máscaras para entoar um hino choroso de oferenda e rezar uma oração em idioma quêchua, em que pedem à padroeira a graça de seu perdão.

Seria temerário afirmar que a fantasia do “diabo” de



Dragões e figuras de dançarinos, bordados, dão graça à capa de seda do "demônio"



"Lúcifer, Rei do Inferno," destaca-se por sua ferocidade e suas proezas atléticas



Homens vestidos de mulher fazem o sensual papel de "China Supay," esposa do diabo

Oruro, vistosa, de côres vivas e carregada de adornos brilhantes, representa a idéia indígena do demônio ("Supay") ou provém de fontes inteiramente autóctones. Ao contrário, na opinião da maioria dos estudiosos do folclore boliviano, quase todos os motivos são de origem espanhola, menos a saia curta de inspiração semi-Incaica, e um ou outro detalhe. A parte principal da fantasia é a pesada máscara de aspecto aterrador, feita de um tecido especial, sôbre o qual se molda a figura em gesso; olhos de vidro descomunais, dentes triangulares feitos de espelho, cabeleira de crina, orelhas pontudas e vibráteis e um sapo ou cobra na cabeça—eis os detalhes mais notáveis. Amarrado ao pescoço, um grande lenço de seda com dragões e outras figuras bordadas contribui para a elegância do dançarino, que também leva ao peito uma armadura com jóias e franjas. Completam a vestimenta uma camiseta e calças brancas que, unidas, formam uma malha justa, uma faixa larga escura enfeitada de moedas que seguram as quatro partes do saíote, bordadas com fios de ouro e prata e carregadas de pedras, e botas especiais com esporas. Satanás e Lúifer levam, além disso, ricas capas de pelúcia escarlate, uma cobra enroscada num braço, e um tridente.

fato de que todas as despesas, menos as das fantasias, são pagas por uma pessoa que fornece casa, comida e bebidas (e não é pouco!) à troupe durante a semana inteira de carnaval. É o *pasante*, em geral um mestiço endinheirado, que gasta fãcilmente até um milhão de *bolivianos* nesses dias. A explicação dessa atitude desprendida tem dois aspectos: o religioso, pois o número de bênçãos e indulgências assim obtidas tem relação direta com a quantidade de notas que se gastem; e o social, pois quanto maior o dispêndio para que a festa seja esplêndida e generosa, maior será o respeito e o prestígio de que gozará o patrocinador.

As origens da *Diablada* se perdem na escuridão dos tempos e da lenda. Apesar disso, há indícios seguros de que a dança começou no período colonial quase imediatamente posterior à Conquista, embora sem dúvida alguma sob formas rudimentares que se foram modificando com o tempo. Essa transformação, aliás, foi provavelmente radical.

Segundo uma das versões mais divulgadas de sua origem, dois espanhóis, depois de fracassar em sua intenção de extrair de um índio o segredo da localização de uma mina, aproveitaram-se da mentalidade supers-



Na peça teatral falada, o "Arcanjo Miguel" esconjura os demônios um por um. No fim, rezam à Virgem da Mina



Os músicos são índios e mestiços, mas suas melodias monótonas, velhíssimas, não são aborígenes

Tradicionalmente, "La Diablada" era executada só por índios, na maioria trabalhadores mineiros, que faziam da dança um ritual, em homenagem à Virgem do Socavón, um voto e uma devoção que acarretava a obrigação de dançar três anos consecutivos para obter graças e indulgências. Entre 1925 e 1930, grupos de mestiços carniceiros adotaram o costume. Finalmente, ali por 1940, jovens da classe média passaram também a aumentar as fileiras dos "demônios". Agora, devido a diversas brigas e rivalidades, há em Oruro pelo menos quatro *Diabladas*, embora todas mantenham as mesmas características gerais.

Detalhe interessante da festa propriamente dita é o

ticiosa de sua vítima para conseguir seu objetivo, e amedrontaram-no apresentando-se fantasiados "à semelhança do próprio demônio". Outras versões assinalam a origem da dança na própria mina, onde mora o Diabo (*Tiú*), Rei das Trevas, a quem era necessário render homenagens para evitar malefícios, e contra quem os índios acabaram defendendo-se mediante o poder divino da Virgem do Socavão. Apesar disso, não há nada de sério, correto ou documentado a respeito. O certo é que, seja qual for a sua origem, tradição e lenda, religião e mito, arte e superstição, a *Diablada* de Oruro é, sem dúvida, uma das expressões mais belas e vigorosas do folclore da Bolívia e da América. ♦ ♦ ♦